

A LITURGIA MAÇONICA

RITUAL DO    
GRAU DE     
MESTRE    

ARQUIVO MUNICIPAL  
PARA OS RITOS \* \*  
ESCOCÊS E FRANCÊS  
ANTÔNIO  
COMPILADO PELO  
IR. MATOS FERREIRA  
ROSA  
3.ª EDIÇÃO



LISBOA—1920

*Quinta...*

A LITURGIA MAÇONICA

RITUAL DO    
GRAU DE     
MESTRE    

ARQUIVO MUNICIPAL

PARA OS RITOS \* \*

ESCOCÊS E FRANCÊS

ANTÓNIO  
ROSA  
MENDES

OLHÃO

COMPILADO PELO  
IR. MATOS FERREIRA

3.ª EDIÇÃO



LISBOA — 1920

RITUAL DO  
GRAU DE  
MESTRE

COMPILOU PELO  
IR. MATEUS FERREIRA



Composto e Impresso na «Tipografia Fernandes», Rua dos Bacalhoiros, 104-2.º

ARQUIVO MUNICIPAL  
ANTÓNIO  
ROSA  
MENDES

OLHÃO

de mestre, no qual estão contidos todos os misterios, etc.  
estas e outras necessarias para que um maeon possa  
conhecer os seus ritmos como presidente de uma loja de maeon  
tanto no governo da Loja.

DO MESTRE MAÇON  
O grau de mestre de maeon é o grau mais elevado do  
simbolismo e o grau de maeon é o grau de maeon  
de maeon e de maeon. Faz de maeon um mestre  
de maeon e de maeon.

O titulo de mestre deu-se pela primeira vez aos presiden-  
tes ou encarregados de dirigir os collegios ou sinodos em  
que se devidiu a grande comunidade de obreiros ou arqui-  
tectos sagrados, e posteriormente aos irmãos da ultima clas-  
se das três em que se dividiam os membros dos collegios  
romanos de construtores fundados por Numa Pompilio.

Mestres eram tambem os obreiros de certa instrução  
entre os que construíram o templo de Salomão, e mestres  
se denominavam os celebres construtores de Como, che-  
gando este qualificativo a ser o nome generico dos mem-  
bros de todas as corporações de architectos.

As associações de construtores da Idade Media divi-  
diam-se em grupos ou seccões de nove individuos, dando-  
se o nome de mestres aos que dirigiam estes grupos.

O titulo de mestre dá-se tambem ao maeon que possui  
o terceiro e ultimo grau do simbolismo em quasi todos os  
ritos maçonicos conhecidos. E' interessantissimo, pois com-  
preende os estudos filosoficos e teosoficos mais elevados  
e dos mitos poeticos e religiosos, antigos e modernos,  
que completam a iniciação primitiva nos misterios. Pre-  
para o maeon, por uma instrução adequada e especiais co-  
nhecimentos, para compreender a verdadeira missão filo-  
sofica e progressiva da Ordem, na qual deve colaborar.

Mestre é ainda aquele que pode ensinar.

Para ser mestre maeon é preciso pois conhecer o *Delta*  
e as suas propriedades, assim como a criação, o desenvol-  
vimento e a unidade da essencia da substancia e da natu-  
reza, cuja origem é o proprio *Delta*, principio de todas as  
verdades.

Daqui se inferé a extraordinaria importancia do grau.

de mestre, no qual estão contidos todos os misterios, allegorias e instruções necessarias para que um maçon possa dirigir os seus irmãos como presidente duma loja ou tomar parte no governo da Ordem.

\* \* \*

O grau de mestre considera-se como o resumo completo dos conhecimentos filosoficos mais ao alcance do homem, e os mais convenientes tambem para o dirigirem na senda da virtude e da honra. Faz do maçon um mestre na arte de viver, pois que lhe ensina o papel que deve desempenhar, mostrando-lhe a verdadeira missão do homem sobre a terra.

Na iniciação do aprendiz, por meio de interrogatorios apropriados, procuramos conhecer as intenções, o character, os sentimentos e as aspirações do neofito.

No grau de companheiro recorre-se á *instrução*, que dá os meios de cada um se conhecer a si proprio, de se ilustrar e de adquirir, teorica e praticamente, sob a immediata direcção do mestre, o conhecimento da sciencia. Reune os conhecimentos com que se podem resolver as principais questões de ordem fisica e moral que se possam apresentar á sua razão.

Excita-o o desejo de ascender na escala da iniciação e sente germinarem em si as sementes que produziu o ensino maçonico. Compreende a necessidade de alargar a esfera da sua actividade e aspira ser mestre. E' justo este desejo, quando originado por um sentimento nobre, tendo como causa o querer colaborar na obra da Maçonaria, o que conduzirá o companheiro á meta das suas aspirações, mas quando, pelo contrario, só obedeça ao espirito de ostentação e ao desejo de satisfazer ambições reprimidas e veladas pela hipocrisia, compete ao mestre julgar e decidir sobre tão perniciosas ideias, fechando para sempre ao companheiro a camara do Meio.

No grau de mestre patenteia-se o quadro das miserias humanas, estuda-se a causa que as produz e os meios de as remediar. O maçon compreende então que tem necessidade absoluta de ser bom, valoroso e magnanimo. Vê que, alem da sciencia, precisa de virtude para lograr a fra-

ternidade entre os homens; observa que sem sacrificio das paixões não poderá reinar a liberdade, e sente, por ultimo, que é indispensavel combater o vicio com todas as energias de que disponha; destruir a ignorancia por meio da educação e arrancar a mascara com que se cobre a hipocrisia, para se aproximar do ideal da justiça e da igualdade.

A lenda em que se baseia este grau tem absoluta semelhança com os misterios dos antigos iniciados e oferece-nos interessantes interpretações.

Assim, Osiris, assassinado por Tifão e seus conjurados, achado por Isis e depois resuscitado, foi o heroi da iniciação dos misterios egipcios; entre os gregos foi substituido por Ceres; em outros misterios da antiguidade o heroi muda de nome, mas o mito relacionar-se-ha sempre com a primitiva tradição.

Com effeito, o pensamento que até agora não podia ter sido bem compreendido, em virtude do veu espesso com que os antigos iniciados o occultavam, oferece maior interesse aos iniciados no grau de mestre. Os tres companheiros que assassinaram Hiram estão occultos, áqueles que desconhecem a mestria, pelas folhas caídas das arvores e representam os três meses de inverno, durante os quais o Sol menos nos aquece.

Nos antigos misterios encontramos frequentemente a mesma idea de um deus ou de um heroi morto e resuscitado, da luta entre as trevas e a luz do Sol que depois torna a aparecer<sup>1</sup>.

A marcha de Hiram, para escapar aos golpes dos seus assassinos, é a mesma que segue o Sol (Osiris) no ultimo mês do anno, baixando no horizonte para o lado do Occidente.

Se nesse momento observarmos a esfera celeste, notaremos no Oriente *Orion*, com o braço levantado e armado com uma maça; *Sagitario*, disparando a sua flexa, e no Norte *Perseu*, armado igualmente e disposto a dar o ultimo golpe. Deste momento em diante a declinação do Sol

<sup>1</sup> O nascimento e a morte de Cristo são tambem uma reprodução dos antigos misterios.

para o hemisferio austral é tão rápida que parece uma queda e, assim, o temos já precipitado no tumulto. A inquietação que deveriam ter sentido os primeiros homens sobre se o astro desaparecido tornaria ou não a aparecer é figurada pelas pesquisas que se fazem em busca do corpo de Hiram.

A sua morte, tomada no sentido alegorico, é, como a paixão de Osiris, de Adonis, ou de Mitra, uma criação da imaginação dos sacerdotes, todos eles astrónomos, cujo fim era representar a ausencia do principio vivificador ou seja a luta entre as trevas e a luz.

Efectivamente, no solstício de inverno parece que o Sol nos abandona; baixa á campá; a natureza (Terra) fica viúva do esposo que lhe dá em cada ano a alegria e a fecundidade; os seus filhos estão desolados e por esta razão os maçons, filhos da natureza, representam no grau de mestre os filhos da viúva.

Desta interpretação se deduz que Hiram, architecto do templo de Salomão e heroi da lenda maçónica, é o Osiris da iniciação moderna; que Isis, sua viúva, é a loja, emblema da Terra, e que Horus, filho de Osiris e de Isis, é o maçõ.

Os deuses dos antigos misterios foram na moderna iniciação substituidos pelo plebeu, obreiro intelligente e culto, Hiram, que, longe de ser a vitima dum crime, é a representação alegorica da sciencia, da arte, da virtude e do amor fraternal, representando os seus assassinos os três vicios principais que corrompem o homem: a ambição, a ignorancia e a hipocrisia; um representa o principio do bem, os outros personificam o mal. Hiram é, em summa, o mestre modelo.

Tal é, rapidamente exposto, o grau de mestre, ultimo da maçonaria simbolica e o mais essencial de quantos admite e professa a Maçonaria, que, pelo ensinamento que encerra é fins a que se destina, recebeu o qualificativo de *sublime*.

Aquele que o possuir deve estar, portanto, firmemente resolvido a combater a tirania, os vicios, os privilegios, os preconceitos, as más paixões e o fanatismo, procurando ao mesmo tempo, por todos os meios ao seu alcance, aumentar o bem-estar moral e material do homem. Jamais deve olyidar que a prancha, na Camara do Meio, está preparada para toda a especie de construções.

## ADVERTENCIA

Para que uma sessão de grau de mestre se possa realizar não é necessario que os trabalhos sejam previamente abertos no primeiro ou segundo grau, nem isso é facilmente praticavel, porque não se podem realizar outras sessões senão aquella para que o templo está disposto.

No entanto, quando se quiser realizar uma sessão do primeiro ou segundo grau, antes de uma do terceiro, é necessario trabalhar em templo apropriado.

Apesar dos MM. . . usufruirem o direito de estar com o chapéu na cabeça, não é necessario que o tenham para trabalhar no seu grau.

O dignitario que preside ás sessões do terceiro grau tem o título de Muito Respeitavel ou Respeitabilissimo e cada um dos outros Iir. . . de Ven. . . M. . . Os outros officiais são os indicados no ritual de aprendiz respectivo e ocupam os mesmos logares.

Os trabalhos que podem ser dados para ordem do dia são:

- 1.º Votação de candidatos ao grau de Comp. . . ;
- 2.º Votação e exame dos candidatos ao grau de M. . . ;
- 3.º Iniciação no terceiro grau, a qual deve ser sempre feita com toda a solenidade, depois de se convidarem os MM. . . do quadro e das outras offininas;
- 4.º Deliberação para solicitar das camaras liturgicas a elevação de MM. . . aos graus capitulares, quando a L. . . não tenha Capitulo.

## DECORAÇÃO DO TEMPLO

O templo destinado aos trabalhos no grau de M. . . chama-se Camara do Meio. A parte correspondente ao Oriente, brilhantemente iluminada, tem o nome de *Dehbir* (mansão da immortalidade); o resto do templo, com pouca luz, chama-se *Hikal* (asilo da morte).

Se o templo serve somente para as sessões do terceiro grau, as paredes do Hikal devem ser pintadas ou forradas de preto, com cercaduras brancas e emblemas funebres (caveiras, ossos em aspa), e lagrimas brancas, em grupos de três, cinco e sete; as do Dehbir devem ser pintadas ou forradas de vermelho, com efeitos dourados, para rito escocês, e de azul e ouro, para rito francês.

O templo em que se realizam os trabalhos dos dois primeiros graus pode applicar-se aos do terceiro, mas para isso é preciso ter panos apropriados com que se possam cobrir as paredes do Occidente (Hikal), tendo bordados ou pintados os emblemas já indicados.

Em qualquer dos casos, durante a primeira parte da iniciação, o Dehbir deve estar separado do Hikal por umas cortinas de pano preto, a toda a largura do templo, presas a um varão de ferro collocado junto do tecto. As cortinas devem abrir do meio para os lados.

Durante a primeira parte da iniciação não deve haver no Hikal outras luzes alem das dos altares dos vigilantes, tapadas por forma que a luz incida somente sobre os rituais, e as de dois fogachos de luz verde colocados junto dos degraus que dão acesso ao Dehbir. As luzes dos altares do presidente e dos vigilantes são candelabros de três ramos, formando, o conjunto o numero simbolico de nove luzes.

O Dehbir, pelo contrario, deve estar brilhantemente iluminado, para apparecer resplandecente quando se abrirem as cortinas que separam o Oriente do Occidente.

No meio do Hikal collocar-se-ha um cenotafio, coberto com um pano preto bordado a prata. No cenotafio deve estar um esqueleto ou, pelo menos, uma caveira. Sobre o pano coloca-se um ramo de acacia natural ou artificial, com folhas, mas sem flores.

Desde a abertura dos trabalhos até ao principio da cerimonia da iniciação o reposteiro que separa o Dehbir do Hikal deve estar aberto e o Dehbir pouco iluminado.

Alguns rituais antigos dão ainda as seguintes indicações:

Sobre o altar do presidente deve haver uma caveira iluminada interiormente e collocada por forma que os raios que saem pelos orificios dos olhos incidam sobre o cenotafio.

As luzes de cada um dos altares estão cobertas por uns aparelhos tendo as seguintes inscrições:

O do presidente, ABATE O AMBICIOSO

O do 1.º vigilante, ENSINA O IGNORANTE

O do 2.º vigilante, DESMASCARA O HIPOCRITA

Junto de cada uma destas entidades pode ainda collocar-se um esqueleto em pé, estando o primeiro armado com um machete, o segundo com uma regua e o terceiro com uma alavanca, ou um esquadro, segundo outros rituais.

As colunas tem sobre os capiteis pequenas urnas funerarias.

O painel deste grau é um quadro, onde, sobre o mosaico, se vê um cenotafio coberto com um pano mortuario, tendo desenhado, de cada lado, três caveiras e por baixo ossos cruzados e grupos de três lagrimas. Do lado do Occidente (cabeça), um ramo de acacia e do Oriente (pés), um compasso assentando as pontas abertas sobre um esquadro.

Nos templos, que não tenham os panos apropriados faz-se a primeira parte da iniciação somente com a luz das velas collocadas no altar do veneravel e dos vigilantes, iluminando-se depois todo o templo no momento indicado no ritual.

## MEMENTO DO TERCEIRO GRAU

### Rito Escocês

**Ordem**—O braço direito dobrado em esquadria, a mão direita aberta e conservada horizontalmente, os quatro dedos estendidos e juntos, o polegar separado, formando esquadria, e apoiado pela ponta no flanco esquerdo, á altura do cotovelo; o braço esquerdo caído.

**Sinal ordinario**—Estando á ordem, retirar a mão do flanco esquerdo para o direito, deixando-a depois cair sobre a coxa direita.

**Sinal de horror**—Estando á ordem, levantar as mãos á altura da cabeça, com as palmas para fora, os dedos estendidos e separados, e exclamar: — *Ah! Senhor, meu Deus!*—Deixar depois cair as mãos sobre o avental.

**Sinal de aflição ou de socorro**—Levar a perna direita atrás da esquerda, inclinar o corpo para trás, tendo sobre a cabeça as duas mãos com os dedos entrelaçados e as palmas para cima, e, nesta posição, exclamar: — *A' mim, filhos da V...*

**Toque**—1.º Tomar mutuamente a mão direita, formando garra com os dedos, de maneira a segurar a palma.—2.º Pousar reciprocamente a mão esquerda sobre o ombro direito.—3.º Unir pé direito contra pé direito, pelo lado interior.—4.º Tocar os dois joelhos direitos.—5.º Unir peito contra peito —Tendo assim estabelecido o contacto dos cinco pontos perfectos da Maçonaria, pronunciam-se alter-

nadamente as três silabas da palavra sagrada, voltando três vezes as mãos entrelaçadas.

**Palavra sagrada**—Começa por M, e significa: *nascido da putrefacção*.

**Palavra de passo**—Começa por um T. (Nome do filho de Lamech).

**Marcha**—Três passos, partindo com o pé direito e dados como que passando sobre um cenotáfio: 1.º á direita, partindo com o pé direito; o 2.º á esquerda, partindo com o pé esquerdo; o 3.º á direita, avançando com o pé direito, juntando os pés depois de cada passo.

**Bateria**—A mesma de aprendiz repetida três vezes.



**Aclamação**—Huzê! Huzê! Huzê!

**Idade**—Sete anos e mais.

**Horas de trabalho**—As mesmas do primeiro grau.

**Insignias**—1.º Avental branco orlado de carmezim, tendo bordadas no meio as letras M. . . B. . ., tambem da mesma côr.—2.º Banda de *moiré* azul orlada de carmezim, lançada do ombro direito para o flanco esquerdo, tendo na parte inferior uma roséta vermelha, da qual pende a joia formada por um compasso aberto 45.º, cruzado com um esquadro.

A joia tambem pode ser um triplo triangulo coroado.

### Rito francês

As diferenças são as seguintes:

**Sinal de horror**—Estando á ordem, levantar as mãos á altura da cabeça, com as palmas para fora, os dedos estendidos e separados; fazer um movimento do busto e dos braços para trás, endireitar o busto e deixar cair os braços.

**Palavra sagrada**—Começa tambem por M, como a do rito escocês, mas é diferente. Compõe-se igualmente de três silabas e significa: *a carne desprende-se dos ossos*.

**Palavra de passe**—Começa por G, e é o nome duma montanha nos arredores de Jerusalem. Os habitantes desta montanha aparelhavam os cedros do Libano para a construção do templo de Salomão.

**Marcha**—Os passos de companheiro seguidos dos três passos de mestre do rito escocês.



**Bateria**—A do primeiro grau repetida três vezes.



**Aclamação**—Liberdade! Igualdade! Fraternidade!

**Insignias**—1.º Avental branco orlado de azul, com as letras M. . . B. . ., tambem em azul.—2.º Fita de *moiré* azul, lançada tambem do ombro direito para o flanco esquerdo, tendo na parte inferior uma roséta vermelha, da qual pende a joia formada por um compasso aberto 45.º, cruzado com um esquadro.

## RITUAL DO TERCEIRO GRAU

### Abertura dos trabalhos

Reunidos sete MM. . . , pelo menos, e tendo todos occupado os respectivos lugares, e depois de revestidos com as insignias dos seus graus, o M. . . Resp. . . dá um golpe de malhete —◆— que é sucessivamente repetido pelos VVig. . . .

**M. . . Resp. . .** — ¿Ven. . . Ir. . . 1.º Vig. . . , sois M. . . ?

**1.º Vig. . .** — A acacia é minha conhecida.

**M. . . Resp. . .** — ¿Ven. . . Ir. . . 2.º Vig. . . , que idade tendes?

**2.º Vig. . .** — Sete años e mais.

**M. . . Resp. . .** — ¿Ven. . . Ir. . . 1.º Vig. . . , qual é o primeiro dever dum Vig. . . na Camara do Meio?

**1.º Vig. . .** Assegurar-se se o templo está a coberto.

**M. . . Resp. . .** — Certificai-vos disso, Ven. . . Ir. . . .

O Ir. . . 1.º Vig. . . diz ao Guarda Int. . . que proceda a esta verificação, o qual, depois de a ter efectuada, dá, em vós baixa, áquele Ir. . . conta do resultado do seu exame.

**1.º Vig. . .** — O templo está a coberto, M. . . Resp. . .

ARQUIVO MUNICIPAL

ANTÓNIO

ROSA

MENDES

OLHÃO

**M. . . Resp. . .** — ¿ Ven. . . Ir. . . 2.º Vig. . ., qual é o segundo dever dum Vig. . . na Camara do Meio?

**2.º Vig. . .** — Assegura-se se os Ilr. . . presentes são MM. . . e membros da loja, ou visitantes conhecidos.

**M. . . Resp. . .** — ♦ — De pé e á ordem.  
VVen. . . Ilr. . . 1.º e 2.º VVig. . ., verificai se os Ilr. . . que decoram as vossas respectivas colunas são MM. . . e membros da loja ou visitantes conhecidos.

Os dois VVig. . . percorrem as colunas e pedem aos Ilr. . . a palavra sagrada e de passe do terceiro grau. Ao voltarem aos seus lugares o 2.º Vig. . . dá conhecimento do resultado do seu exame ao 1.º Vig. . .

**1.º Vig. . .** — ♦ — **M. . . Resp. . .**, os Ilr. . . que decoram ambas as colunas são MM. . . e membros da L. . . ou visitantes conhecidos.

**M. . . Resp. . .** — O mesmo se dá no Dehbir.  
¿ Ven. . . Ir. . . 1.º Vig. . ., a que horas principiam os MM. . . os seus trabalhos?

**1.º Vig. . .** — Ao meio dia.

**M. . . Resp. . .** — ¿ Que horas são, Ven. . . Ir. . . 2.º Vig. . .?

**2.º Vig. . .** — Meio dia.

**M. . . Resp. . .** — Visto ser a hora de principiar os trabalhos, VVen. . . Ilr. . . 1.º e 2.º VVig. . ., convidai os VV. . . MM. . . das vossas colunas, como eu convido os do Dehbir, a unirem-se a mim e a vós, para abrimos os trabalhos da Camara do Meio da Resp. . . L. . ., ao Val. . . de . . .

**1.º Vig. . .** — Ven. . . Ir. . . 2.º Vig. . . e VVen. . . MM. . . da minha columna, da parte do M. . . Resp. . ., vos convido a juntar-vos a ele e a mim, para abrimos os trabalhos da Camara do Meio da Resp. . . L. . ., ao Val. . . de . . .

**2.º Vig. . .** — VVen. . . MM. . . da minha columna, da parte do M. . . Resp. . . vos convido a juntar-vos a ele e aos VVig. . ., para abrimos os trabalhos da Camara do Meio da Resp. . . L. . ., ao Val. . . de . . .

O M. . . Resp. . . dá a bateria do grau, conforme o rito, que é repetida sucessivamente pelos VVig. . .

**M. . . Resp. . .** — A mim, VVen. . . MM. . ., meus Ilr. . ., pelo sinal ordinario, pelo sinal de horror, pela bateria e pela aclamação. (*Executa-se*).

Os trabalhos da Camara do Meio estão abertos.  
Sentemo-nos, meus Ilr. . .

Em seguida procede-se á leitura da acta, apresentação do expediente e introdução dos visitantes como no primeiro grau.

### Preliminares da iniciação

**M. . . Resp. . .** — ♦ — VVen. . . Ilr. . ., sobre proposta do Ir. . . 1.º Vig. . ., o Comp. . . F. . . foi considerado apto para receber aumento de salario, tanto em virtude da sua antiguidade como pelo seu zelo e assiduidade. Se não ha opposição á sua candidatura, vou mandá-lo entrar no templo, para que, depois de interrogado, possamos julgar se merece, pela sua instrução maçonica, ser promovido ao grau de M. . .

Se ha opposição discute-se e a loja delibera.

**M. . . Resp. . .** — V. . . Ir. . . 1.º Exp. . ., ide buscar o candidato e fazei-o entrar no templo segundo o seu grau, tendo-lhe previamente pedido o sinal, toque e palavras.

### Entrada do candidato

O Comp. . ., devidamente decorado, e conduzido pelo Exp. . . á porta do templo, onde bate segundo o seu grau.

**1.º Vig. . .** — ♦ — **M. . . Resp. . .**, batem á porta do templo no grau de Comp. . .

**M. . . Resp. . .** — Mandai saber quem bate.

O 1.º Vig. . . faz sinal ao Guarda Int. . . que, abrindo o postigo, verifica quem bate, e depois comunica áquele Ir. . ., em voz baixa, o resultado do seu exame.

**1.º Vig. . .** — O Comp. . . que acaba de bater á porta do templo é o Ir. . . F. . ., que vem sujeitar-se ao exame para M. . .

**M. . . Resp. . .** — Dai-lhe entrada.

A um sinal do 1.º Vig. . . o Cob. . . abre a porta e o Exp. . . introduz o candidato, que, depois de dar os passos de Comp. . ., sauda o M. . . Resp e os VVig. . . ficando entre colunas.

**EXAME**

**M. . . Resp. . .** — Meu Ir. . ., não devemos conceder-vos o aumento de salario solicitado sem nos certificarmos se possuís os conhecimentos maçonicos relativos ao vosso grau atual. Tomai assento na cadeira que vos está destinada no meio do templo.

O M. . . Resp. . . interrogará o candidato:  
1.º Sobre a instrução do grau que completa o ritual do segundo grau;  
2.º Sobre a constituição, a partir do capitulo 3.º;  
3.º Sobre a organização e o regime da loja, e sobre as atribuições dos dignitarios e officiais;  
4.º Sobre a parte do Regulamento Geral e do Regulamento da Oficina não tratada no exame para o grau de Comp. . .

Os outros Ir. . . podem, depois de ter pedido regularmente a palavra, fazer perguntas, tomar esclarecimentos e formular objecções.

**M. . . Resp. . .** — Irmão F. . ., agora ides cobrir o templo, a fim de podermos apreciar as vossas respostas.

Ven. . . Ir. . . M. . . de Cerim. . ., conduzi o candidato fora do templo.

O candidato cobre o templo

**M. . . Resp. . .** — ♦ — ç VVen. . . MM. . . meus Ir. . ., tendes algumas observações a fazer acêrca das respostas do Comp. . . ?

Se ninguem pede a palavra, ou se mais ninguem quer usar dela, e se o escrutinio secreto não é regularmente reclamado, o M. . . Resp . . . continua.

Peço as conclusões do Ven. . . Ir. . . Orad. . . sobre o aumento de salario para o Comp. . . F. . .

O orador dá as conclusões.

Vou pôr á votação as conclusões do Ven. . . Ir. . . Orad. . . Os VVen. . . Ir. . . que aprovam a concessão do aumento de salario ao Comp. . . F. . . darão o sinal de assentimento ao meu golpe de malhete. — ♦ —

Se a votação for favoravel.

O aumento de salario foi concedido e portanto o Comp. . . F. . . vai ser iniciado no grau de M. . .

VVen. . . Ir. . ., vou suspender os ttrab. . . por alguns momentos, a fim de se tomarem as disposições necessarias para a cerimonia.

Ao meu golpe de malhete os ttrab. . . estão suspensos. — ♦ —

**Iniciação**

Fecha-se a cortina, ilumina-se brilhantemente o Dehbir, e põe-se nesta altura o cenotafio no meio do Hikal.

Todos os Ir. . . retomam os seus lugares.

**M. . . Resp. . .** — Ao meu golpe de malhete os ttrab. . . retomam força e vigor. — ♦ —

Ven. . . Ir. . . M. . . de Cerim. . ., ide buscar o Comp. . . a quem foi conferido o aumento de salario e conduzi-o á porta do templo.

O M. . . de Cerim. . . sai e conduz o Comp. . . á porta do templo, onde bate segundo o seu grau. O Cobr . . . abre o postigo, vê quem bate e comunica o resultado do seu exame ao 1.º Vig. . .

**1.º Vig.º.**—M.º. Resp.º., o Comp.º. F... pede novamente que lhe seja concedida entrada no templo.

**M.º. Resp.º.**—Dai-lhe entrada.

O Cobr.º abre a porta e o Comp.º. entra segundo o seu grau, sauda e fica entre colunas.

**M.º. Resp.º.**—Meu Ir.º., tenho prazer em vos comunicar que os MM.º. presentes vos julgaram digno de ascenderdes ao terceiro grau.

Vamos portanto proceder á vossa iniciação.

Ven.º. Ir.º. M.º. de Cerim.º., conduzi o Comp.º. ao lugar onde se deve sentar.

O Comp.º. é mandado sentar numa cadeira colocada proximo da cabeça do cenotafio.

Meu Ir.º., o aparato funebre que vedes neste templo destina-se á celebração de uma solenidade para comemorar o fim tragico de um grande architecto, que, segundo uma lenda aceite por nós, em virtude dos ensinamentos que encerra, foi o procurador da Maç.º. Esta lenda liga entre si, por um caracter comum, as diferentes federações maçonicas espalhadas pela superficie da Terra, mostrando-nos provi-rem duma unica origem.

Segundo uma tradição transmitida oralmente durante muitos seculos, Hiram Abif, celebre architecto e estatuario, foi enviado ao rei Salomão por Hiram, rei de Tiro, para dirigir os trabalhos do templo de Jerusalem.

Hiram Abif, tendo sob as suas ordens um grande numero de obreiros, dividiu-os em três categorias: aprendizes, companheiros e mestres. Deu-lhes, para se reconhecerem, palavras, sinais e toques, particulares a cada categoria, e que á excepção da palavra sagrada e do sinal dos mestres eram os mesmos que ainda hoje usamos.

Três maus companheiros, não tendo podido ainda alcançar a mestria, e vendo aproximar-se o fim dos trabalhos, organizaram uma conjuração com o fim de arrancar a Hiram, pela ameaça e pela violencia, as palavras, o sinal e o toque de mestre. Para este fim esconderam-se, cada um em uma das tres saídas do templo, numa tarde

em que o architecto inspecionava os trabalhos depois da retirada dos operarios.

Hiram, terminada a sua visita, quis sair pela porta do Occidente. O primeiro companheiro, armado com uma regua, impediu-lhe a passagem, pedindo-lhe a palavra sagrada e o sinal de mestre.

«Desgraçado respondeu-lhe Hiram, o meu dever proíbe-me de tos dar. Serás recebido entre os mestres quando a traição e o crime forem acções honrosas». Então o agressor tentou dar-lhe na cabeça uma violenta pancada com a regua, mas só o atingiu no ombro.

Hiram fugiu para a porta do Norte, onde encontrou o segundo companheiro armado com um esquadro, que lhe fez o mesmo pedido que o primeiro e ao qual respondeu com a mesma energia. Este companheiro deu-lhe uma forte pancada com o esquadro, ferindo-o na nuca.

Enfraquecido por estas duas feridas, o architecto procurou ainda fugir pela porta do Oriente. Ali encontrou o terceiro companheiro, armado com um maço, que, tendo feito a mesma exigencia, seguida da mesma recusa, lhe deu com ele uma tão forte pancada na frente que o prostrou morto a seus pés.

Para ocultar o corpo da vitima, os tres assassinos transportaram-no para fora da cidade e foram-no enterrar num lugar bastante afastado.

No dia seguinte, a desaparição do architecto e as no- doas de sangue notadas no templo revelaram o crime. Os mestres, reunindo-se no templo, cobriram-no de panos negros em sinal de luto, e depois de terem dado curso á sua dôr, resolveram procurar o corpo do infeliz chefe, para lhe dar sepultura condigna. Não encontraram o corpo de Hiram senão depois de o ter procurado durante alguns dias.

Comp.º., para serdes admitido entre nós é necessario que nos ajudeis a simular as pesquisas que fizeram os primeiros mestres na circumstancia dolorosa que acabou de recordar.

¿Consentis em tomar parte nesta cerimonia commemorativa?

**Comp.º.**—Consinto.

**M.º. Resp.º.**—Ven.º. Ir.º. Exp.º., convidai o reci-

piendario a seguir-vos e fazei as pesquisas nos quatro pontos cardiais, começando pelo Norte.

O Exp.º e o recipiendario caminham lentamente á roda do templo, começando pelo Norte, e voltam ao ponto de partida.

**Exp.º.—M.º. Resp.º.**, as nossas pesquisas foram infrutíferas.

**M.º. Resp.º.—Ven.º. Ir.º. Exp.º.**, convidai outro M.º. e, juntos, fazei nova exploração, começando pelo Sul.

O Exp.º, um M.º. e o recipiendario fazem segunda exploração.

**Exp.º.—M.º. Resp.º.**, as nossas pesquisas foram ainda em vão.

**M.º. Resp.º.—Ven.º. Ir.º. Exp.º.**, convidai ainda outro M.º. e recomeçai as vossas explorações com mais cuidado.

O Exp.º, os dois MM.º. e o recipiendario fazem nova viagem, e param no ponto de partida.

**Exp.º.—**Vejo um cômodo em que a terra está remexida de fresco.

**1.º Vig.º.—**Aproximai-vos desse lugar.

Fazem outra viagem, voltando ao ponto de partida.

**Exp.º.—**Sobre o cômodo vejo um ramo de acacia.

**1.º Vig.º.—**Aproximai-vos mais. Por esse novo indício presinto que alcançais o fim das vossas pesquisas.

Fazem outra viagem.

**1.º Vig.º.—**Esse ramo de acacia foi talvez plantado pelos assassinos de Hiram, para reconhecerem o lugar onde enterraram o seu cadáver.

**Comp.º.**, arrancai esse ramo (*Executa-se*).

**M.º. Resp.º.—**VVen.º. Ir.º., como é possível que a palavra sagrada e o sinal de mestre tenham sido descobertos pelos assassinos de Hiram, proponho-vos, antes que as investigações sejam levadas mais longe, que o primeiro sinal que escapar e a primeira palavra que se pronunciar ao descobrir o cadáver de Hiram sejam, para o futuro, o sinal e a palavra sagrada de mestre.

Todos os Ir.º. fazem o sinal de assentimento, estendendo o braço direito.

**M.º. Resp.º.—**Cavai essa terra meus Ir.º.

O recipiendario, a convite do Exp.º, levanta o pano mortuario; os Ir.º. que o acompanharam nas viagens fazem o sinal de horror.

**Exp.º. (Abaixando-se e tocando no esqueleto, diz em tom doloroso)**—□□□□□□□□; Está putrefacto. A carne desprende-se dos ossos!<sup>1</sup>

Os dois MM.º. que acompanham o Exp.º. repetem sucessivamente o mesmo.

**Exp.º.—**Eis o cadáver do nosso mestre Hiram; Choremos, meus Ir.º.!

Os MM.º. que acompanham o Exp.º. repetem sucessivamente:

; Choremos! Choremos! Choremos!

**M.º. Resp.º.—**VVen.º. Ir.º., ponhamos termo á nossa dôr. Resta-nos a acacia, que será, agora, mais um sinal de reconhecimento. E' o emblema das sociedades humanas que, depois de terem sofrido uma longa opressão, são revivificadas pela liberdade.

Ven.º. Ir.º. M.º. de Cerim.º., conduzi o recipiendario ao Dêhbir, para depor o ramo de acacia.

<sup>1</sup> No rito francês dir-se-ha: □□□□□□□□; A carne desprende-se dos ossos!

A cortina abre-se e o Dehbir aparece resplandecente de luz. O recipiendario entrega ao M. . . Resp. . . o ramo de acacia e depois é reconduzido para junto do cenotafio, sentando-se.

**M. . . Resp. . .**—Comp. . ., chegou o momento de auxiliar o trabalho que a vossa intelligencia tem, decerto, feito para comprehender o ensino moral oculto nas alegorias da lenda de Hiram.

Hiram é para nós o tipo do homem justo, que cumpre o dever através de todos os obstaculos e mesmo com risco da vida. E' para nós um modelo a seguir. E' tambem o grande obreiro, o artista poderoso, o organizador habil e sabio, que sobrevive nas suas obras.

E' agredido e morto por três companheiros perversos: é a imagem do combate dado ao homem e do dano que lhe causam os três vicios mais prejudiciais á sociedade, a saber: a ignorancia, a hipocrisia e o fanatismo.

Os tres mestres que, unindo os seus esforços e depois de repetidas buscas, conseguem encontrar o corpo do seu chefe representam as virtudes opostas a estes vicios, isto é, o amor pelo estudo, a lialdade e a tolerancia. O seu exemplo mostra-nos a eficacia da união e da perseverança.

Agrupemo-nos, unamos bem as nossas fileiras sob a bandeira da moral universal, livremo-nos dos vicios e pratiquemos todas as virtudes, principalmente aquelas que contribuam para o bem da sociedade. A exemplo de Hiram, sejamos fieis ao dever, mesmo com risco da vida. Trabalhemos infatigavelmente em espalhar a verdade, para que ela esclareça o mundo, da mesma forma que com a luz mais viva fizemos desaparecer as trevas deste templo.

Ir. . . F. . ., agora conheceis os nossos principios e o nosso fim. Não aspiramos a outra recompensa que não seja a satisfação de ter procurado fazer o bem. ¿Quereis juntar-vos a nós e trabalhar no complemento desta obra de dedicação?

**Comp. . .**—Quero.

**M. . . Resp. . .**—Ven. . . Ir. . . M. . . de Cerim. . ., conduzi o recipiendario ao Dehbir para prestar o seu compromisso (*Executa-se*).—●—De pé e á ordem, VVen. . . MM. . ., meus Iir. . .

Neste momento, em que ides tomar um solene compromisso, convido-vos a substituir pela mais cordial fraternidade qualquer sentimento de animosidade que possais conservar contra algum dos vossos Iir. . .

Ponde a mão direita sobre o ramo de acacia e a mão esquerda sobre o coração.

Vou ler a formula do compromisso e em seguida direis: Prometo.

### Compromisso

Sobre esta acacia, emblema do renascimento e da revivificação, prometo instruir os CComp. . . e AAp. . . e trabalhar para a emancipação intelectual e moral da humanidade.

Prometo tambem não revelar a pessoa alguma os mysterios do grau de M. . .

Prometeis?

**Comp. . .**—Prometo.

**M. . . Resp. . .**—A vossa promessa fica registada na acta.

O M. . . Resp. . . pega na sua espada com a mão esquerda, estende-a por sobre a cabeça do recipiendario, toma o malhete com a mão direita, e pronuncia a seguinte formula:

Em nome e sob os auspicios do G. . . Or. . . Lusitano Unido, Sup. . . Cons. . . da Maç. . . Portuguesa, em virtude dos poderes que me foram conferidos, eu vos recebo e constituo mestre, para gozardes a plenitude de todos os direitos maçonicos.

O M. . . Resp. . . bate com o malhete as nove parçadas simbolicas na lamina da espada, por três vezes: as primeiras três sobre o ombro esquerdo, as outras três sobre o direito e as ultimas sobre a cabeça, tocando-lhe depois ligeiramente com a lamina.

**M. . . Resp. . .**—Sentemo-nos, meus Iir. . .  
Ven. . . Ir. . . 1.º Exp. . ., dai o triplice abraço fraternal ao nosso Iir. . . F. . . em nome de todos os MM. . . (*Executa-se*)  
Ven. . . Ir. . . M. . . de Cerim. . ., decorai o Iir. . . F. . . com as insignias de M. . . (*Executa-se*).

Meu Ir. . . , para nós reconhecermos no grau de M. . . temos tambem palavras, sinais e um toque. O Ven. . . Ir. . . Exp. . . vai comunicar-vo-los e ensinar-vos a marcha, e a bateria e a vossa idade simbolica.

Ven. . . Ir. . . Exp. . . , cumpri o vosso dever.

O 1.º Exp. . . conduz o novo M. . . ao meio do templo e faz-lhe as comunicações prescritas no *Memento* do presente ritual, a pp. 9 a 11, verificando em seguida se foram bem compreendidas.

1.º Exp. . . —M. . . Resp. . . , as palavras, os sinais e o toque estão justos e perfeitos.

M. . . Resp. . . —Ven. . . Ir. . . M. . . de Cerim. . . , conduzi o novo M. . . entre colunas e colocai-vos á sua esquerda (*Executa-se*). —◆— De pé e á ordem, VVen. . . MM. . . , meus Ir. . .

VVen. . . Ir. . . 1.º e 2.º VVig. . . , convidai os VVen. . . MM. . . que decoram as vossas colunas, como eu convido os do Dehbir, a reconhecer, de hoje em diante, como M. . . , o Ir. . . F. . . , presente entre colunas, e a aplaudir o seu aumento de salario pela bateria do grau.

1.º Vig. . . —Ven. . . Ir. . . 2.º Vig. . . e VVen. . . MM. . . da minha coluna, da parte do M. . . Resp. . . vos convido a reconhecer, de hoje em diante, como M. . . , o Ir. . . F. . . , presente entre colunas, e a aplaudir o seu aumento de salario pela bateria do grau.

2.º Vig. . . —VVen. . . MM. . . da minha coluna, da parte do M. . . Resp. . . vos convido a reconhecer, de hoje em diante, como M. . . , o Ir. . . F. . . , presente entre colunas, e a aplaudir o seu aumento de salario pela bateria do grau.

O M. . . Resp. . . dá a bateria do grau, que é repetida sucessivamente pelos VVig. . .

M. . . Resp. . . —A mim, VVen. . . MM. . . , meus Ir. . . , pelo sinal ordinario, pela bateria e pela aclamação.

Executada esta ordem, o novo M. . . agradece juntamente com o M. . . de Cerim. . . , e o M. . . Resp. . . manda cobrir a sua bateria. Depois ordena que o M. . .

de Cerim. . . o conduza á frente da coluna do Sul e convida todos os Ir. . . a sentarem-se.

O M. . . Resp. . . dá a palavra ao Orad. . . ou a qualquer outro Ir. . . que a tenha pedido.

E' conveniente que para o discurso deste grau se tome como tema a lenda de Hiram, relacionando as antigas iniciações com a Maç. . . , ou que se desenvolva o ensino da iniciação do terceiro grau e os deveres que ele comporta, ou ainda que se trate do character e do papel da Maç. . . , quer no passado quer no presente.

Antes de se encerrarem os trabalhos passa-se á instrução do grau que acompanha o presente ritual. O interrogatorio será feito pelo M. . . Resp. . . , dirigindo as perguntas aos MM. . . presentes. Quando as respostas forem deficientes fá-las-ha rectificar pelos VVig. . .

### Encerramentos dos trabalhos

Quando a ordem do dia está esgotada, o M. . . Resp. . . , como nas sessões do primeiro grau, dá a palavra a bem da Ord. . . em geral ou da L. . . em particular, mandando seguidamente proceder á circulação do sacco das proposições e do tronco da V. . . , cujo resultado é devidamente anunciado.

O M. . . Rep. . . dá um golpe de malhete —◆— que é sucessivamente repetido pelos VV. . .

M. . . Resp. . . —¿Ven. . . Ir. . . 1.º Vig. . . , a que horas terminam os trabalhos na Camara do Meio?

1.º Vig. . . —A' meia noite.

M. . . Resp. . . —¿Que horas são, Ven. . . Ir. . . 2.º Vig. . . ?

2.º Vig. . . —Meia noite, M. . . Resp. . .

M. . . Resp. . . —Visto ser hora de repousar, VVen. . . Ir. . . 1.º e 2.º VVig. . . , convidai os VVen. . . MM. . . que decoram as vossas colunas, como eu convido os do Dehbir, a unirem-se a mim e a vós, para encerrarmos os trabalhos da Camara do Meio da Resp. . . L. . . , ao Val. . . de...



P.—¿Que representa esse sinal?

R.—Recorda o horror que manifestaram os MM. . . ao encontrarem o Corpo de Hiram.

P.—¿Se estivesseis em grande perigo, que farieis?

R.—Faria o sinal de socorro, gritando: A. . . M. . . F. . . D. . . V. . . — Este apelo supremo não se deve fazer senão em caso extremo, quando a vida estiver realmente em perigo.

P.—Fazei o sinal de socorro (*Faz-se*).

P.—¿Porque dizeis: A. . . M. . . F. . . D. . . V. . . ?

R.—Porque nos consideramos irmãos de Hiram, que era filho de uma viuva.

P.—¿Porque é que o numero sete caracteriza o grau de M. . . ?

R.—Porque indica uma progressão sobre o grau de Comp. . . somando os dois algarismos que representam as linhas necessarias para formar as duas primeiras figuras da geometria, a saber: o triangulo e o quadrilatero.

O numero sete é importante na natureza. O espectro solar dá sete côres. Há sete notas de musica. Cada fase da lua compreende sete dias, o que deu a ideia da semana, que existe desde a mais remota antiguidade. Os primeiros observadores da abobada celeste assinalaram os sete planetas principais, unicos conhecidos até os modernos tempos; chamaram grande e pequena ursa a duas constelações formadas cada uma de sete estrelas, e notaram sete pleiades. Os antigos contavam sete metais.

Para os autores das primeiras iniciações, três representava a natureza moral ou divina, e quatro a natureza fisica. A reunião destes dois numeros era considerada por eles como representando a perfeição. Sete formava pois a numeração perfeita.

É por isto que houve os sete sabios da Grecia, as sete maravilhas do mundo; e quando se formou o grande compendio do direito romano, que tem o nome de *Digesto*, os seus autores o dividiram em sete partes, por causa da excelencia do numero sete.

Conservamo-lo como numero caracteristico mais elevado

dos graus simbolicos, por causa do seu duplo valor, scientifico e tradicional.

P.—¿Que idade tendes?

R.— *Sete anos e mais.*

P.—¿Porque respondeis assim?

R.—Porque o numero sete, caracteristico do grau de M. . . , indica que o M. . . recebeu toda a instrução da Maç. . . simbolica. Acrescento «e mais» para indicar que se toma a responsabilidade das consequencias que daí derivam.

P.—¿Sobre que trabalham os MM. . . ?

R.— *Sobre a prancha para traçar*, isto é, devem dirigir os planos com a maxima perfeição possivel, para dar aos CComp. . . e AAprend. . . instruções e conselhos uteis, a fim de desenvolver neles o amor pelo bem e pela verdade.

P.—¿Se um M. . . se perdesse onde o encontrariam?

R.— *Entre o esquadro e o compasso*, que são os emblemas da justiça e da verdade.

P.—¿Como viajam os MM. . . ?

R.—Do oriente para o Ocidente e do Sul para o Norte, sobre toda a superficie da Terra.

P.—¿Porquê?

R.— *Para espargir a luz, e reunir tudo o que estiver espalhado.* Em outros termos, para aprender o que ignoram, ensinar o que sabem e acelerar, pela propaganda da verdade, o triunfo do direito e da justiça.

INDICE

	Pag.
Do Mestre maçon .....	3
Advertencia .....	7
Decoração do templo.....	7
Memento do terceiro grau .....	9
Rito escocês.....	9
Rito francês .....	10
Ritual do terceiro grau .....	13
Abertura dos trabalhos.....	13
Preliminares da iniciação.....	15
Entrada do candidato.....	15
Exame .....	16
Iniciação .....	17
Compromisso .....	25
Encerramento dos trabalhos .....	25
Instrução do terceiro grau.....	27
Indice.....	32

ARQUIVO MUNICIPAL

ANTÔNIO

ROSA

MENDES

OLHÃO

ARQUIVO MUNICIPAL

ANTÓNIO

— Composto e impresso na Tip. —

— FERNANDES —

— Rua dos Bacalhoiros, 104-2.º —

— LISBOA —

ROSA

MENDES

— OLHÃO —

2.º Vigilante

Universi Terrarum Orbis Architectonis ad Gloriam Ingentis

Supremo Conselho do 33.º Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito,  
para Portugal, seus domínios e jurisdição

*Portugal*  
RITUAL

DO

ARQUIVO MUNICIPAL  
*Grau de Mestre*  
ANTÓNIO  
ROSA  
VENDES



LISBOA

Edição do Grémio Luso Escocês

1923

Não é permitida a publicidade nem a cedência, quer a título gratuito quer oneroso.

RITUAIS

DO

ARQUIVO MUNICIPAL  
RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO

ANTÓNIO

ROSA

MENDES

— OLHÃO —

---

III

Universi Terrarum Orbis Architectonis ad Gloriam Ingentis

Supremo Conselho do 33.º Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito,  
para Portugal, seus domínios e jurisdição

# RITUAL

DO

*Grau de Mestre*



LISBOA

Edição do Grémio Luso Escocês

1923

Não é permitida a publicidade nem a cedência, quer a título gratuito quer oneroso.

ARQUIVO MUNICIPAL  
ANTÓNIO  
ROSA  
MENDES  
— OLHÃO —

## Decoração do Templo

O Templo destinado aos trabalhos no grau de M.: chama-se Câmara do Meio. A parte correspondente ao Oriente, brilhantemente iluminada, tem o nome de *Dehbir* (mansão da imortalidade); o resto do Templo, com pouca luz, chama-se *Hikal* (asilo da morte).

Se o Templo serve sómente para as sessões do terceiro grau, as paredes do *Hikal* devem ser pintadas ou forradas de preto, com cercaduras brancas e emblemas fúnebres (caveiras, ossos em aspa), e lágrimas brancas, em grupos de três, cinco e sete; as do *Dehbir* devem ser pintadas ou forradas de vermelho, com efeitos dourados, para rito escocês, e de azul e ouro, para rito francês.

O Templo em que se realizam os trabalhos dos dois primeiros graus pode aplicar-se aos do terceiro, mas para isso é preciso ter panos apropriados com que se possam cobrir as paredes do Ocidente (*Hikal*), tendo bordados ou pintados os emblemas já indicados.

Em qualquer dos casos, durante a primeira parte da iniciação, o *Dehbir* deve estar separado do *Hikal* por umas cortinas de pano preto, a toda a largura do Templo, presas a um varão de ferro colocado junto do tecto. As cortinas devem abrir do meio para os lados.

Durante a primeira parte da iniciação, não deve haver no *Hikal* outras luzes além das dos altares dos Vigilantes, tapadas por forma que a luz incida sómente sobre os rituais, e as dos dois fogachos de luz verde colocados junto dos degraus que dão acesso ao *Dehbir*. As luzes dos altares do Presidente e dos Vigilantes são candelabros de três ramos, formando o conjunto o número simbólico de nove luzes.

O *Dehbir*, pelo contrário, deve estar brilhantemente iluminado, para aparecer resplandecente quando se abrirem as cortinas que separam o Oriente do Ocidente.

No meio do *Hikal* colocar-se-ha um cenotáfio, coberto com um pano preto bordado a prata. No cenotáfio deve estar um esqueleto ou, pelo menos, uma caveira. Sobre o pano coloca-se um ramo de acácia natural ou artificial, com folhas, mas sem flores.

Desde a abertura dos trabalhos até ao princípio da cerimónia da iniciação, o reposteiro que separa o *Dehbir* do *Hikal* deve estar aberto e o *Dehbir* pouco iluminado.

Alguns rituais antigos dão ainda as seguintes indicações:

Sobre o altar do Presidente deve haver uma caveira iluminada

interiormente e colocada por forma que os raios que saem pelos orificios dos olhos incidam sobre o cenotáfio.

As luzes de cada um dos altares estão cobertas por uns aparelhos tendo as seguintes inscrições:

O do Presidente — ABATE O AMBICIOSO.

O do 1.º Vigilante — ENSINA O IGNORANTE.

O do 2.º Vigilante — DESMASCARA O HIPÓCRITA.

Junto de cada uma destas entidades, pode ainda colocar-se um esqueleto em pé, estando o primeiro armado com um malhete, o segundo com uma régua e o terceiro com uma alavanca, ou um esquadro, segundo outros rituais.

As colunas teem sobre os capiteis pequenas urnas funerárias.

O painel deste grau é um quadro onde, sobre o mosaico, se vê um cenotáfio coberto com um pano mortuário, tendo desenhado, de cada lado, três caveiras e por baixo ossos cruzados e grupos de três lágrimas. Do lado do Ocidente (cabeça) um ramo de acácia e do Oriente (pés) um compasso assentando as pontas abertas sobre um esquadro.

Nos Templos que não tenham os panos apropriados faz-se a primeira parte da iniciação sómente com a luz das velas colocadas no altar do Presidente e dos Vigilantes, iluminando-se depois todo o Templo no momento indicado no ritual.

### Advertência

Para que uma sessão de grau de Mestre se possa realizar, não é necessário que os trabalhos sejam préviamente abertos no primeiro ou segundo grau, nem isso é facilmente praticável, porque não se podem realizar outras sessões senão aquela para que o Templo está disposto.

No entanto, quando se quiser realizar uma sessão do primeiro ou segundo grau, antes de uma do terceiro, é necessário trabalhar em Templo apropriado.

Apesar dos MM.º. usufruírem o direito de estar com o chapéu na cabeça, não é necessário que o tenham para trabalhar no seu grau.

O dignitário que preside ás sessões do terceiro grau tem o título de Muito Respeitável ou Respeitabilíssimo e cada um dos outros Hr.º. o de Ven.º. M.º. Os outros Officiaes são os indicados no ritual de Aprendiz respectivo e occupam os mesmos lugares.

Os trabalhos que podem ser dados para ordem do dia são:

1.º Votação de candidatos ao grau de Comp.º.;

2.º Votação e exame dos candidatos ao grau de M.º.;

3.º Iniciação no terceiro grau, a qual deve ser sempre feita com toda a solenidade, depois de se convidarem os MM.º. do quadro e das outras Oficinas;

4.º Deliberação para solicitar das câmaras litúrgicas a elevação de MM.º. aos graus capitulares, quando a L.º. não tenha Capitulo.

## MEMENTO DO TERCEIRO GRAU

### Rito Escocês

**Ordem** — O braço direito dobrado em esquadria, a mão direita aberta e conservada horizontalmente, os quatro dedos estendidos e juntos, o polegar separado, formando esquadria, e apoiado pela ponta no flanco esquerdo, á altura do cotovelo; o braço esquerdo caído.

**Sinal ordinário** — Estando á ordem, retirar a mão do flanco esquerdo para o direito, deixando-a depois cair sobre a coxa direita.

**Sinal de horror** — Estando á ordem, levantar as mãos á altura da cabeça, com as palmas para fora, os dedos estendidos e separados, e exclamar: — *Ah! Senhor, meu Deus!* — Deixar depois cair as mãos sobre o avental.

**Sinal de aflição ou de socorro** — Levar a perna direita atrás da esquerda, inclinar o corpo para trás, tendo sobre a cabeça as duas mãos com os dedos entrelaçados e as palmas para cima, e, nesta posição, exclamar: — *A mim, filhos da V.º.*

**Toque** — 1.º tomar mutuamente a mão direita, formando garra com os dedos, de maneira a segurar a palma. — 2.º Pousar reciprocamente a mão esquerda sobre o ombro direito. — 3.º Unir pé direito contra pé direito, pelo lado interior. — 4.º Tocar os dois joelhos direitos. — 5.º Unir peito contra peito. — Tendo assim estabelecido o contacto dos cinco pontos perfectos da Maçonaria, pronunciam-se

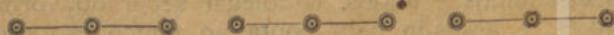
alternadamente as três sílabas da palavra sagrada, voltando três vezes as mãos entrelaçadas.

**Palavra sagrada**—Começa por M, e significa: nascido da putrefacção.

**Palavra de passe**—Começa por um T. (Nome do filho de Lamech).

**Marcha**—Três passos, partindo com o pé direito e dados como que passando sobre um cenotáfio: o 1.º á direita, partindo com o pé direito; o 2.º á esquerda, partindo com o pé esquerdo; o 3.º á direita, avançando com o pé direito, juntando os pés depois de cada passo.

**Bateria**—A mesma de Aprendiz repetida três vezes:



**Aclamação**—Huzê! Huzê! Huzê!

**Idade**—Sete anos e mais.

**Horas de trabalho**—As mesmas do primeiro grau.

**Insignias**—1.º Avental branco orlado de carmezim, tendo bordadas no meio as letras M.º. B.º., também da mesma côr.—2.º Banda de *moiré* azul orlada de carmezim, lançada do ombro direito para o flanco esquerdo, tendo na parte inferior uma roseta vermelha, da qual pende a joia, formada por um compasso aberto 45º, cruzado com um esquadro.

A joia também pode ser um triplo triângulo coroado.

### Rito francês

As diferenças são as seguintes:

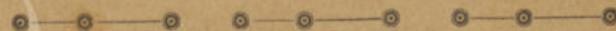
**Sinal de horror**—Estando á ordem, levantar as mãos á altura da cabeça, com as palmas para fora, os dedos estendidos e separados; fazer um movimento do busto e dos braços para trás, endireitar o busto e deixar cair os braços.

**Palavra sagrada**—Começa também por M, como a do rito escocês, mas é diferente. Compõe-se igualmente de três sílabas e significa: *a carne desprende-se dos ossos.*

**Palavra de passe**—Começa por G, e é o nome duma montanha nos arredores de Jerusalem. Os habitantes desta montanha aparelhavam os cedros do Líbano para a construção do Templo de Salomão.

**Marcha**—Os passos de Companheiro seguidos dos três passos de Mestre do rito escocês.

**Bateria**—A do primeiro grau repetida três vezes:



**Aclamação**—Liberdade! Igualdade! Fraternidade!

**Insignias**—1.º Avental branco orlado de azul, com as letras M.º. B.º., também em azul.—2.º Fita de *moiré* azul, lançada também do ombro direito para o flanco esquerdo, tendo na parte inferior uma roseta vermelha, da qual pende a joia, formada por um compasso aberto 45º, cruzado com um esquadro.

ARQUIVO MUNICIPAL  
ANTÔNIO  
ROSA  
MENDES  
OLHÃO

**M. . Resp. .**—Ven. . Ir. . 2.º Vig. ., ¿ qual é o segundo dever dum Vig. . na Câmara do Meio?

**2.º Vig. .**—Assegurar-se se os Iir. . presentes são MM. . e membros da Loja, ou visitantes conhecidos.

**M. . Resp. .** —○— De pé e á ordem. VVen. . Iir. . 1.º e 2.º VVig. ., verificai se os Iir. . que decoram as vossas respectivas colunas são MM. . e membros da Loja ou visitantes conhecidos.

Os dois VVig. . percorrem as colunas e pedem aos II. . a palavra sagrada e de passe do terceiro grau. Ao voltarem aos seus lugares, o 2.º Vig. . dá conhecimento do resultado do seu exame ao 1.º Vig. .

**1.º Vig. .** —○— M. . Resp. ., os Iir. . que decoram ambas as colunas são MM. . e membros da L. . ou visitantes conhecidos.

**M. . Resp. .**—O mesmo se dá no Dehbir. Ven. . Ir. . 1.º Vig. ., ¿ a que horas principiam os MM. . os seus trabalhos?

**1.º Vig. .**—Ao meio dia.

**M. . Resp. .**—¿ Que horas são, Ven. . Ir. . 2.º Vig. .?

**2.º Vig. .**—Meio dia.

**M. . Resp. .**—Visto ser a hora de principiar os trabalhos, VVen. . Iir. . 1.º e 2.º VVig. ., convidai os VVen. . MM. . das vossas colunas, como eu convindo os do Dehbir, a unirem-se a mim e a vós, para abriremos os trabalhos da Câmara do Meio da Resp. . L. . . ., ao Val. . de ...

**1.º Vig. .**—Ven. . Ir. . 2.º Vig. . e VVen. . MM. . da minha coluna, da parte do M. . Resp. . vos convindo a juntar-vos a êle e a mim, para abriremos os trabalhos da Câmara do Meio da Resp. . L. . . ., ao Val. . de ...

**2.º Vig. .**—VVen. . MM. . da minha coluna, da parte do M. . Resp. . vos convindo a juntar-vos a êle e aos VVig. ., para abriremos os trabalhos da Câmara do Meio da Resp. . L. . . ., ao Val. . de ...

O M. . Resp. . dá a bataria do grau, conforme o rito, que é repetida sucessivamente pelos VVig. .

**M. . Resp. .**—A mim, VVen. . MM. ., meus Iir. ., pelo sinal ordinário, pelo sinal de horror, pela bataria e pela aclamação. (*Executa-se*). Os trabalhos da Câmara do Meio estão abertos. Sentemo-nos, meus Iir. .

Em seguida procede-se à leitura da acta, apresentação do expediente e introdução dos visitantes como no primeiro grau.

### Preliminares da iniciação

**M. . Resp. .** —○— VVen. . Iir. ., sôbre proposta do Ir. . 1.º Vig. ., o Comp. . F... foi considerado apto para receber aumento de salário, tanto em virtude da sua antiguidade como pelo seu zelo e assiduidade. Se não ha opposição á sua candidatura, vou mandá-lo entrar no Templo, para que, depois de interrogado, possamos julgar se merece, pela sua instrução maçónica, ser promovido ao grau de M. .

Se ha opposição, discute-se e a Loja delibera.

**M. . Resp. .**—V. . Ir. . 1.º Exp. ., ide buscar o candidato e fazei-o entrar no Templo segundo o seu grau, tendo-lhe préviamente pedido o sinal, toque e palavras.

### Entrada do candidato

O Comp. ., devidamente decorado, é conduzido pelo Exp. . á porta do Templo, onde bate segundo o seu grau.

**1.º Vig. .** —○— M. . Resp. ., batem á porta do Templo no grau de Comp. .

**M.. Resp..** — Mandai saber quem bate.

O 1.º Vig.. faz sinal ao Guarda Int.., que, abrindo o postigo, verifica quem bate, e depois comunica áquele Ir.., em voz baixa, o resultado do seu exame.

**1.º Vig..** — O Comp.. que acaba de bater á porta do Templo é o Ir.. F..., que vem sujeitar-se ao exame para M...

**M.. Resp..** — Dai-lhe entrada.

A um sinal do 1.º Vig.., o Cob.. abre a porta e o Exp.. introduz o candidato que, depois de dar os passos de Comp.., saúda o M.. Resp.. e os VVig.., ficando entre colunas.

### Exame

**M.. Resp..** — Meu Ir.., não devemos conceder-vos o aumento de salário solicitado sem nos certificarmos se possuis os conhecimentos maçónicos relativos ao vosso grau actual. Tomai assento na cadeira que vos está destinada no meio do Templo.

O M.. Resp.. interrogará o candidato:

- 1.º Sobre a instrução do grau que completa o ritual do segundo grau;
- 2.º Sobre a Constituição, a partir do capítulo 3.º;
- 3.º Sobre a organização e o regime da Loja, e sobre as atribuições dos Dignitários e Officiais;
- 4.º Sobre a parte do Regulamento Geral e do Regulamento da Oficina não tratada no exame para o grau de Comp..

Os outros Ir.. podem, depois de ter pedido regularmente a palavra, fazer perguntas, tomar esclarecimentos e formular objecções.

**M.. Resp..** — Irmão F..., agora ides cobrir o Templo, a fim de podermos apreciar as vossas respostas. Ven.. Ir.. M.. de Cerim.., conduzi o candidato fora do Templo.

O candidato cobre o Templo.

**M.. Resp..** — **VVen.. MM..** meus Ir.., tendes algumas observações a fazer ácerca das respostas do Comp..?

Se ninguem pede a palavra, ou se mais ninguem quer usar dela, e se o escrutínio secreto não é regularmente reclamado, o M.. Resp.. continua.

Peço as conclusões do Ven.. Ir.. Orad.. sobre o aumento de salário para o Comp.. F....

O Orador dá as conclusões.

Vou pôr á votação as conclusões do Ven.. Ir.. Orad... Os VVen.. Ir.. que aprovam a concessão do aumento de salário ao Comp.. F... darão o sinal de assentimento ao meu golpe de malhete — **⊙** —.

Se a votação fôr favorável.

O aumento de salário foi concedido e, portanto, o Comp.. F... vai ser iniciado no grau de M..

VVen.. Ir.., vou suspender os TTrab.. por alguns momentos, a fim de se tomarem as disposições necessárias para a cerimónia.

Ao meu golpe de malhete, os TTrab.. estão suspensos — **⊙** —.

### Iniciação

Fecha-se a cortina, ilumina-se brilhantemente o Dehbir, e põe-se nesta altura o cenotáfio no meio do Hikal.

Todos os Ir.. retomam os seus lugares.

**M.. Resp..** — Ao meu golpe de malhete, os TTrab.. retomam fôrça e vigor — **⊙** —.

Ven.. Ir.. M.. de Cerim.., ide buscar o Comp.. a quem foi conferido o aumento de salário e conduzi-o á porta do Templo.

O M.. de Cerim.. sai e conduz o Comp.. á porta do Templo, onde bate segundo o seu grau. O Cobr.. abre o postigo, vê quem bate e comunica o resultado do seu exame ao 1.º Vig..

**1.º Vig.** — M. . . Resp. . ., o Comp. . . F. . . pede novamente que lhe seja concedida entrada no Templo.

**M. . . Resp.** — Dai-lhe entrada.

O Cobr. . . abre a porta e o Comp. . . entra segundo o seu grau, saúda e fica entre colunas.

**M. . . Resp.** — Meu Ir. . ., tenho prazer em vos comunicar que os MM. . . presentes vos julgaram digno de ascenderdes ao terceiro grau.

Vamos, portanto, proceder á vossa iniciação.

Ven. . . Ir. . . M. . . de Cerim. . ., conduzi o Comp. . . ao lugar onde se deve sentar.

O Comp. . . é mandado sentar numa cadeira colocada próximo da cabeça do cenotáfio.

Meu Ir. . ., o aparato fúnebre que vêdes neste Templo destina-se á celebração de uma solenidade para comemorar o fim trágico de um grande architecto, que, segundo uma lenda aceite por nós, em virtude dos ensinamentos que encerra, foi o precursor da M. . . Esta lenda liga entre si, por um character comum, as diferentes federações maçónicas espalhadas pela superfície da Terra, mostrando-nos provirem duma única origem.

Segundo uma tradição transmitida oralmente durante muitos séculos, Hiram Abif, célebre architecto e estatuário, foi enviado ao rei Salomão por Hiram, rei de Tiro, para dirigir os trabalhos do Templo de Jerusalém.

Hiram Abif, tendo sob as suas ordens um grande número de obreiros, dividiu-os em três categorias: Aprendiz, Companheiros e Mestres. Deu-lhes, para se reconhecerem, palavras, sinais, e toques, particulares a cada categoria, e que, á excepção da palavra sagrada e do sinal dos Mestres, eram os mesmos que ainda hoje usamos.

Três maus Companheiros, não tendo podido ainda alcançar a mestria, e vendo aproximar-se o fim dos trabalhos, organizaram uma conjuração com o fim de arrancar a Hiram, pela ameaça e pela violência, as palavras, o sinal e o toque de Mestre. Para este fim, esconderam-se, cada um em uma das três saídas do Templo, numa tarde

em que o architecto inspecionava os trabalhos depois da retirada dos operários.

Hiram, terminada a sua visita, quiz sair pela porta do Occidente. O primeiro Companheiro, armado com uma régua, impediu-lhe a passagem, pedindo-lhe a palavra sagrada e o sinal de Mestre.

«Desgraçado, respondeu-lhe Hiram, o meu dever proíbe-me de tos dar. Serás recebido entre os Mestres quando a traição e o crime forem acções honrosas». Então o agressor tentou dar-lhe na cabeça uma violenta pancada com a régua, mas só o atingiu no ombro.

Hiram fugiu para a porta do Norte, onde encontrou o segundo Companheiro armado com um esquadro, que lhe fez o mesmo pedido que o primeiro e ao qual respondeu com a mesma energia. Este Companheiro deu-lhe uma forte pancada com o esquadro, ferindo-o na nuca.

Enfraquecido por estas duas feridas, o architecto procurou ainda fugir pela porta do Oriente. Ali encontrou o terceiro Companheiro, armado com um maço, que, tendo feito a mesma exigência, seguida da mesma recusa, lhe deu com elle uma tão forte pancada na fronte que o prostrou morto a seus pés.

Para occultar o corpo da vítima, os três assassinos transportaram-no para fora da cidade e foram-no enterrar num lugar bastante afastado.

No dia seguinte, a desapareção do architecto e as nódoas de sangue notadas no Templo revelaram o crime. Os Mestres, reunindo-se no Templo, cobriram-no de panos negros em sinal de luto, e depois de terem dado curso á sua dôr, resolveram procurar o corpo do infeliz chefe, para lhe dar sepultura condigna. Não encontraram o corpo de Hiram senão depois de o ter procurado durante alguns dias.

Comp. . ., para serdes admitido entre nós é necessário que nos ajudeis a simular as pesquisas que fizeram os primeiros Mestres na circunstância dolorosa que acabo de recordar.

¿ Consentis em tomar parte nesta cerimonia comemorativa ?

**Comp. . .** — Consinto.

**M. . . Resp. . .** — Ven. . . Ir. . . Exp. . ., convidai o reci,

piendário a seguir-vos e fazei as pesquisas nos quatro pontos cardiais, começando pelo Norte.

O Exp. e o recipiendário caminham lentamente á roda do Templo, começando pelo Norte, e voltam ao ponto de partida.

**Exp.** — M. Resp., as nossas pesquisas foram infrutíferas.

**M. Resp.** — Ven. Ir. Exp., convidai outro M. e, juntos, fazei nova exploração, começando pelo Sul.

O Exp., um M. e o recipiendário fazem segunda exploração.

**Exp.** — M. Resp., as nossas pesquisas foram ainda em vão.

**M. Resp.** — Ven. Ir. Exp., convidai ainda outro M. e recomeçai as vossas explorações com mais cuidado.

O Exp., os dois MM. e o recipiendário fazem nova viagem, e param no ponto de partida.

**Exp.** — Vejo um cômodo em que a terra está remediada de fresco.

**1.º Vig.** — Aproximai-vos desse lugar.

Fazem outra viagem, voltando ao ponto de partida.

**Exp.** — Sôbre o cômodo vejo um ramo de Acácia.

**1.º Vig.** — Aproximai-vos mais. Por êsse novo indício presinto que alcançais o fim das vossas pesquisas.

Fazem outra viagem.

**1.º Vig.** — Êsse ramo de acácia foi talvez plantado pelos assassinos de Hiram, para reconhecerem o lugar onde enterraram o seu cadáver.

Comp., arrancai êsse ramo. (*Executa-se*).

**M. Resp.** — VVen. Ir., como é possível que a palavra sagrada e o sinal de Mestre tenham sido descobertos pelos assassinos de Hiram, proponho-vos, antes que as investigações sejam levadas mais longe, que o primeiro sinal que escapar e a primeira palavra que se pronunciar ao descobrir o cadáver de Hiram sejam, para o futuro, o sinal e a palavra sagrada de Mestre.

Todos os Ir. fazem o sinal de assentimento, estendendo o braço direito.

**M. Resp.** — Cavai essa terra, meus Ir.

O recipiendário, a convite do Exp., levanta o pano mortuário; os Ir. que o acompanharam nas viagens fazem o sinal de horror.

**Exp.** (*Abaixando-se e tocando no esqueleto, diz em tom doloroso*) — □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ ; Está putrefacto! ; A carne desprende-se dos ossos! <sup>1</sup>

Os dois MM. que acompanham o Exp. repetem sucessivamente o mesmo.

**Exp.** — Eis o cadáver do nosso Mestre Hiram. ; Choremos, meus Ir.!

Os MM. que acompanham o Exp. repetem sucessivamente:

; Choremos! ; Choremos! ; Choremos!

**M. Resp.** — VVen. Ir., ponhamos termo á nossa dôr. Resta-nos a Acácia, que será, agora, mais um sinal de reconhecimento. É o emblema das sociedades humanas que, depois de terem sofrido uma longa opressão, são revivificadas pela liberdade.

Ven. Ir. M. de Cerim., conduzi o recipiendário ao Dehbir, para depôr o ramo de Acácia.

<sup>1</sup> No rito francês dir-se-há: □ □ □ □ □ □ □ □ □ □ ; A carne desprende-se dos ossos!

A cortina abre-se e o Dehbir aparece resplandecente de luz. O recipiendário entrega ao M.: Resp.: o ramo de Acácia e depois é reconduzido para junto do cenotáfio, sentando-se.

**M.: Resp.:** — Comp.:, chegou o momento de auxiliar o trabalho que a vossa inteligência tem, decerto, feito para compreender o ensino moral oculto nas alegorias da lenda de Hiram.

Hiram é para nós o tipo do homem justo, que cumpre o dever através de todos os obstáculos e mesmo com risco da vida. É para nós um modelo a seguir. É também o grande obreiro, o artista poderoso, o organizador hábil e sábio, que sobrevive nas suas obras.

É agredido e morto por três Companheiros perversos: é a imagem do combate dado ao homem e do dano que lhe causam os três vícios mais prejudiciais à sociedade, a saber: a ignorância, a hipocrisia e o fanatismo.

Os três Mestres que, unindo os seus esforços e depois de repetidas buscas, conseguem encontrar o corpo do seu chefe representam as virtudes opostas a estes vícios, isto é, o amor pelo estudo, a lialdade e a tolerância. O seu exemplo mostra-nos a eficácia da união e da perseverança.

Agrupemo-nos, unamos bem as nossas fileiras sob a bandeira da moral universal, livre-mo-nos dos vícios e pratiquemos todas as virtudes, principalmente aquelas que contribuam para o bem da sociedade. A exemplo de Hiram, sejamos fieis ao dever, mesmo com risco da vida. Trabalhemos infatigavelmente em espalhar a verdade, para que ela esclareça o mundo, da mesma forma que com a luz mais viva fizemos desaparecer as trevas dêste Templo.

Ir.: F..., agora conheceis os nossos princípios e o nosso fim. Não aspiramos a outra recompensa que não seja a satisfação de ter procurado fazer o bem. ¿Quereis juntar-vos a nós e trabalhar no complemento desta obra de dedicação?

**Comp.:** — Quero.

**M.: Resp.:** — Ven.: Ir.: M.: de Cerim.:, conduzi o recipiendário ao Dehbir para prestar o seu compromisso. (*Executa-se*). — ◉ — De pé e á ordem, VVen.: MM.:, meus Ir.:

Neste momento, em que ides tomar um solene compromisso, convido-vos a substituir pela mais cordial fraternidade qualquer sentimento de animosidade que possais conservar contra alguns dos vossos Ir.:

Ponde a mão direita sôbre o ramo de Acácia e a mão esquerda sôbre o coração.

Vou lêr a forma do compromisso e em seguida direis: Prometo.

### Compromisso

Sôbre esta Acácia, emblema do renascimento e da revivificação, prometo instruir os CComp.: e AAP.: e trabalhar para a emancipação intelectual e moral da humanidade.

Prometo também não revelar a pessoa alguma os mistérios do grau de M.:

¿Prometeis?

**Comp.:** — Prometo.

**M.: Resp.:** — A vossa promessa fica registada na acta.

O M.: Resp.: pega na sua espada com a mão esquerda, estende-a por sôbre a cabeça do recipiendário, toma o malhete com a mão direita e pronuncia a seguinte fórmula:

*Universi Terrarum Orbis Architectonis ad Gloriam Ingentis* — Em nome e sob os auspícios do Sup.: Cons.: do 33.º Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito para Portugal, seus domínios e jurisdição, em harmonia com as Grandes Constituições do mesmo Rito, e em virtude dos poderes que me foram conferidos, eu vos recebo e constituo Mestre, para gozardes a plenitude de todos os direitos maçónicos.

O M.: Resp.: bate com o malhete as nove pancadas simbólicas na lâmina da espada, por três vezes: as primeiras três sôbre o ombro esquerdo, as outras três sôbre o direito e as últimas sôbre a cabeça, tocando-lhe depois ligeiramente com a lâmina.

**M. . . Resp. . .** — Sentemo-nos, meus Ir. . .

Ven. . . Ir. . . 1.º Exp. . ., dai o triplice abraço fraternal ao nosso Ir. . . F. . ., em nome de todos os MM. . . (*Executa-se*).

Ven. . . Ir. . . M. . . de Cerim. . ., decorai o Ir. . . F. . . com as insignias de M. . . (*Executa-se*).

Meu Ir. . ., para nos reconhecermos no grau de M. . . temos tambem palavras, sinais e um toque. O Ven. . . Ir. . . Exp. . . vai comunicar-vo-los e ensinar-vos a marcha, a bateria e a vossa idade simbólica.

Ven. . . Ir. . . Exp. . ., cumpri o vosso dever.

O 1.º Exp. . . conduz o novo M. . . ao meio do Templo e faz-lhe as comunicações prescritas no *Memento* do presente ritual, a pp. 7 a 9, verificando em seguida se foram bem compreendidas.

**1.º Exp. . .** — M. . . Resp. . ., as palavras, os sinais e o toque estão justos e perfeitos.

**M. . . Resp. . .** — Ven. . . Ir. . . M. . . de Cerim. . ., conduzi o novo M. . . entre colunas e colocai-vos á sua esquerda. (*Executa-se*). — De pé e á ordem, VVen. . . MM. . ., meus Ir. . .

VVen. . . Ir. . . 1.º e 2.º VVig. . ., convidai os VVen. . . MM. . . que decoram as vossas colunas, como eu convido os do Dehbir, a reconhecer, de hoje em diante, como M. . ., o Ir. . . F. . ., presente entre colunas, e a aplaudir o seu aumento de salário pela bateria do grau.

**1.º Vig. . .** — Ven. . . Ir. . . 2.º Vig. . . e VVen. . . MM. . . da minha coluna, da parte do M. . . Resp. . . vos convido a reconhecer, de hoje em diante, como M. . ., o Ir. . . F. . ., presente entre colunas, e a aplaudir o seu aumento de salário pela bateria do grau.

**2.º Vig. . .** — VVen. . . MM. . . da minha coluna, da parte do M. . . Resp. . . vos convido a reconhecer, de hoje em diante, como M. . ., o Ir. . . F. . ., presente entre colunas, e a aplaudir o seu aumento de salário pela bateria do grau.

O M. . . Resp. . . dá a bateria do grau, que é repetida sucessivamente pelos VVig. . .

**M. . . Resp. . .** — A mim, VVen. . . MM. . ., meus Ir. . ., pelo sinal ordinário, pela bateria e pela aclamação.

Executada esta ordem, o novo M. . . agradece juntamente com o M. . . de Cerim. . ., e o M. . . Resp. . . manda cobrir a sua bateria. Depois ordena que o M. . . de Cerim. . . conduza á frente da coluna do Sul e convida todos os Ir. . . a sentarem-se.

O M. . . Resp. . . dá a palavra ao Orad. . . ou a qualquer outro Ir. . . que a tenha pedido.

É conveniente que para o discurso deste grau se tome como tema a lenda de Hiram, relacionando as antigas iniciações com a Maç. . ., ou que se desenvolva o ensino da iniciação do terceiro grau e os deveres que elle comporta, ou ainda que se trate do character e do papel da Maç. . ., quer no passado, quer no presente.

Antes de se encerrarem os trabalhos, passa-se á instrução do grau que acompanha o presente ritual. O interrogatório será feito pelo M. . . Resp. . ., dirigindo as perguntas aos MM. . . presentes. Quando as respostas forem deficientes, fá-las-há rectificar pelos VVig. . .

### Encerramento dos trabalhos

Quando a ordem do dia está esgotada, o M. . . Resp. . ., como nas sessões do primeiro grau, dá a palavra a bem da Ord. . . em geral ou da L. . . em particular, mandando seguidamente proceder á circulação do sacco das proposições e do tronco da V. . ., cujo resultado é devidamente anunciado.

O M. . . Resp. . . dá um golpe de malhete — De — que é sucessivamente repetido pelos VVig. . .

**M. . . Resp. . .** — Ven. . . Ir. . . 1.º Vig. . ., ¿ a que horas terminam os trabalhos na Câmara do Meio?

**1.º Vig. . .** — Á meia noite.

**M. . . Resp. . .** — ¿ Que horas são, Ven. . . Ir. . . 2.º Vig. . .?

**2.º Vig. . .** — Meia noite, M. . . Resp. . .

**M. . . Resp. . .** — Visto ser hora de repousar, VVen. . . Ir. . . 1.º e 2.º VVig. . ., convidai os VVen. . . MM. . . que decoram as vossas colunas, como eu convido os do Dehbir,

R. — G... É o nome duma montanha nos arredores de Jerusalém.

P. — Fazei o sinal de reconhecimento. (*Executa-se*).

P. — ¿ Qual é o valor simbólico dêsse sinal?

R. — Desenhando três vezes o esquadro, indicamos a rectidão, o direito e a justiça.

P. — Dizei a palavra sagrada.

R. — M....

P. — ¿ Como se dá essa palavra?

R. — Depois de estabelecer os cinco pontos perfeitos da Maç., que constituem o toque do grau, o interrogado pronuncia a primeira sílaba, o cobridor a segunda e o interrogado a terceira, ao mesmo tempo que um e outro voltam, por três vezes, as mãos unidas.

P. — Procedei assim com o Ven.. Ir.. 1.º Exp... (*Procede-se*).

P. — Fazei o sinal de horror. (*Faz-se*).

P. — ¿ Que representa êsse sinal?

R. — Recorda o horror que manifestaram os MM.. ao encontrarem o Corpo de Hiram.

P. — ¿ Se estivésseis em grande perigo, que farieis?

R. — Faria o sinal de socorro, gritando: A.. M.. F.. D.. V... — Êste apêlo supremo não se deve fazer senão em caso extremo, quando a vida estiver realmente em perigo.

P. — Fazei o sinal de socorro. (*Faz-se*).

P. — ¿ Porque dizeis: A.. M.. F.. D.. V..?

R. — Porque nos consideramos irmãos de Hiram, que era filho de uma viuva.

P. — ¿ Porque é que o número sete caracteriza o grau de M..?

R. — Porque indica uma progressão sôbre o grau de Comp., somando os dois algarismos que representam as linhas necessárias para formar as duas primeiras figuras da geometria, a saber: o triângulo e o quadrilátero.

O número sete é importante na natureza. O espectro solar dá sete côres. Ha sete notas de música. Cada fase da lua compreende sete dias, o que deu a idea da semana, que existe desde a mais remota antiguidade. Os primeiros observadores da abóboda celeste assinalaram os sete planetas principais, únicos conhecidos até os modernos tempos; chamaram grande e pequena ursa a duas constelações formadas cada uma de sete estrêlas, e notaram sete pleiades. Os antigos contavam sete metais.

Para os autores das primeiras iniciações, três representava a natureza moral ou divina, e quatro a natureza física. A reunião dêsies dois números era considerada por eles como representando a perfeição. Sete formava pois a numeração perfeita.

É por isto que houve os sete sábios da Grécia, as sete maravilhas do mundo; e quando se formou o grande compêndio do direito romano, que tem o nome de *Digesto*, os seus autores o dividiram em sete partes, por causa da excelência do número sete.

Conservamo-lo como número característico mais elevado dos graus simbólicos, por causa do seu duplo valor, científico e tradicional.

P. — ¿ Que idade tendes?

R. — *Sete anos e mais.*

P. — ¿ Porque respondeis assim?

R. — Porque o número sete, característico do grau de M., indica que o M. recebeu toda a instrução da Maç. simbólica. Acrescento «e mais» para indicar que se toma a responsabilidade das consequências que daí derivam.

P. — ¿ Sôbre que trabalham os MM..?

ARQUIVO MUNICIPAL  
ANTÔNIO  
ROSA  
MENDES  
OLHÃO

R. — *Sobre a prancha para traçar*, isto é, devem dirigir os planos com a máxima perfeição possível, para dar aos CComp. e AAprend. instruções e conselhos úteis, a fim de desenvolver nêles o amor pelo bem e pela verdade.

P. — Se um M. se perdesse, ¿ onde o encontrariam?

R. — *Entre o esquadro e o compasso*, que são os emblemas da justiça e da verdade.

P. — ¿ Como viajam os MM.?

R. — Do Oriente para o Ocidente e do Sul para o Norte, sobre toda a superfície da Terra.

P. — ¿ Porquê?

R. — *Para espargir a luz, e reunir tudo o que estiver espalhado*. Em outros termos, para aprender o que ignoram, ensinar o que sabem e acelerar, pela propaganda da verdade, o triunfo do direito e da justiça.

## ÍNDICE

Decoração do Templo.....	5
Advertência .....	6
Memento do terceiro grau .....	7
Rito escocês .....	7
Rito francês .....	8
Ritual do terceiro grau .....	11
Abertura dos trabalhos .....	11
Preliminares da iniciação .....	13
Entrada do candidato .....	13
Exame .....	14
Iniciação .....	15
Compromisso .....	21
Encerramento dos trabalhos .....	23
Instrução do terceiro grau .....	25

ARQUIVO MUNICIPAL  
 ANTONIO  
 ROSA  
 MENDES  
 OLHÃO

ARQUIVO MUNICIPAL  
ANTÓNIO  
ROSA  
MENDES  
— OLHÃO —

ARQUIVO MUNICIPAL

ANTÔNIO

ROSA

MENDES

— OLHÃO —